

Agricultura familiar: ovino-caprinocultura como fonte alternativa de renda

Ívis Bento de Lima
Alexandre Rodrigues Loures

Introdução

Ao longo dos últimos anos, com o advento da mecanização do setor agrícola e da diminuição da atividade de bovinocultura leiteira, vários municípios brasileiros têm experimentado um crescimento na área urbana, consequência do êxodo rural. Isso também é verificado nos municípios que compõem a microrregião São João del-Rei, que, em sua maioria, possuem: a) uma baixa renda *per capita*; b) uma área rural formada por pequenas propriedades e c) um setor agropecuário como uma importante fonte de renda municipal, mas com uma prática agropecuária de características tradicionais. Considerando que os municípios não estão preparados para receber essa população, ocorre, então, um crescimento urbano desordenado, com surgimento de bairros nas periferias em que falta infraestrutura. Além disso, é verificado o aumento do desemprego (muitos migrantes não possuem a qualificação profissional necessária para os empregos), da violência e da desnutrição infantil, entre outras situações comprometedoras da viabilidade social.

Dessa forma, o fomento da ovino-caprinocultura como uma tentativa para amenizar essa situação parecer ser uma alternativa viável, considerando que: a) os ovinos e caprinos são animais de pequeno porte, adequado às pequenas propriedades encontradas na área rural dos municípios da microrregião citada, b) o mercado para os produtos ovino-caprinos encontram-se em franca expansão, c) o custo de implantação da atividade é menor do que o da bovinocultura, d) os resultados financeiros tendem a ser mais interessantes quando comparados a outras atividades, e) existe um mercado internacional com demanda por esses produtos, e f) as condições climáticas brasileiras favorecem o desempenho desses ruminantes. Outro fator que parece ser um estímulo para a migração de criadores de bovino leiteiro para a ovino-caprinocultura é que, desde meados da década de 90, o governo federal tenta implantar um Programa de Melhoramento da Produção de Leite, que ganhará em escala de produção, mas provocará o aumento do número de propriedades que deixarão de entregar o produto. Há previsões que esse fenômeno atingirá em torno de 1,2 milhão de propriedades. O que farão esses produtores? Simplesmente, estão abandonando essa atividade e se dedicando aos pequenos animais, principalmente ovinos e caprinos, no Sudeste e Centro-oeste do país, o que pode ser comprovado com o grande aumento das vendas e do preço de mercado de reprodutores, especialmente dos ovinos da raça Santa Inês.

A origem dos ovinos e caprinos no Brasil

Os primeiros exemplares de ovinos e caprinos, animais sem documentação, que chegaram ao Brasil, remonta ao período do descobrimento, ou seja, já se passaram mais de cinco séculos. Considerando que os bovinos, por serem animais de maior porte, eram preteridos aos ovinos e caprinos como fonte de leite e de carne, pelos tripulantes das expedições daquela época, devido ao grande número de filhotes que nasciam no percurso das viagens e ocupavam menor espaço nas embarcações. Posteriormente, a preocupação de Portugal em consolidar o domínio sobre o Brasil, a busca por metais e pedras preciosas e o desejo de explorar o território

descoberto levou à criação de bandeiras/entradas. Essas contribuíram para introduzir esses animais no interior do país, pois durante tais expedições, os ovinos e caprinos mais uma vez eram utilizados como fonte alimentar e até mesmo como moeda de troca pelos desbravadores. Deve-se ressaltar que, além das raças européias que aqui desembarcaram junto com os colonizadores, o Brasil, provavelmente, também sofreu influências de raças africanas, trazidas pelos navios negreiros.

Caprinocultura

Conforme a Tabela 1, o levantamento do efetivo brasileiro de caprinos de 1916 contabilizou 5,0 milhões de animais. Atente-se para que, desde aquela década do século XX, a Bahia destaca-se como o estado com o maior número de animais. O Brasil possui um dos maiores rebanhos do mundo; contudo, a quantidade predomina sobre a qualidade, sendo o rebanho composto em grande parte por animais mestiços ou sem raça definida, de baixa produtividade. Na maioria das vezes, trata-se de atividade de subsistência em que todo processo é artesanal – abate em condições precárias, manejo incorreto, condicionamento do leite de maneira irregular –, sendo poucas as experiências em que se empregam tecnologia.

Tabela 1 - Rebanho caprino em 1916

Estado	Cabeças	Estado	Cabeças
Bahia	1.419.761	Rio Grande do Sul	94.413
Pernambuco	855.633	Rio de Janeiro	41.580
Paraíba	545.897	Paraná	44.254
Ceará	530.743	Goiás	36.311
Piauí	301.353	Espírito Santo	20.924
São Paulo	252.711	Santa Catarina	16.576
Alagoas	219.081	Pará	16.419
Rio Grande do Norte	216.290	Mato Grosso	9.374
Minas Gerais	208.120	Distrito Federal*	4.685
Sergipe	132.294	Amazonas	3.602
Maranhão	120.692	Acre	951
Total			5.091.664

* antiga capital no Rio de Janeiro

Fonte: Pascoal de Moraes, 1923 *apud* Santos (2007)

Os maiores efetivos caprinos encontravam-se no Nordeste e os criadores dessa região estavam mais preocupados com a diferenciação da cor da pelagem dos animais do que com as melhorias genéticas do plantel. Tal situação teve origem devido à falta de cercas separando as propriedades rurais do sertão nordestino. Dessa forma, para que um sertanejo identificasse facilmente quais animais lhe pertenciam, definia-se uma padronização de pelagem específica para cada criador. Na década de 90, a caprinocultura tomou novos contornos com o surgimento dos primeiros criadores com uma visão profissional da atividade. Segundo Santos (2003):

“Na década de 1990 surgem produtores interessados em produtividade, rusticidade e outras qualidades práticas, evidenciando que a caprinocultura brasileira está atingindo a maioria, dentro dos padrões internacionais (...). A produção de carne mal abastece o mercado local, o que levou o Governo

da Paraíba, no final da década de 1990, a importar raças especializadas em carne (Bôer, Savanna e Kalahari). Esta importação agudizou o tino comercial de muitos empresários que implantaram centros de alta tecnologia, aplicando Transferência de Embriões e introduzindo leilões de animais de elite, atingindo preços considerados fantásticos”. (pág. 47)

Ovinocultura

Os primeiros ovinos que chegaram ao Brasil, de origem portuguesa, eram pertencentes a três espécies diferentes: lanados, semilanados e deslanados. Isso se deve ao tamanho continental do Brasil, que possui climas bastantes diferentes entre as regiões e provoca a necessidade de escolha de animais mais adaptados para cada uma delas. Sendo assim, no Sul foram introduzidos animais lanados, mas havia também alguns efetivos em outros estados. No Sudeste, Centro-oeste, alguns estados nordestinos e também no Sul, foram introduzidos os semilanados. Já no Nordeste, Sudeste e Centro-oeste, os deslanados. Na década de 1990, com o advento dos tecidos sintéticos, a lã perdeu espaço, estimulando os criadores do Sul a migrarem para raças especializadas em corte. Tal situação parece irreversível, uma vez que a comercialização de carne ovina está em franca expansão. Na caatinga nordestina, o sertanejo sempre selecionou animais voltados para produção de carne e pele, para sua própria subsistência, porém proporcionou o surgimento de uma raça que aguçou o tino comercial dos empresários, como nos conta Santos (2003):

“Sem dúvida, o sertanejo nordestino é ‘doutor’ em matéria de ovinocultura tropical. Foi ele que, aos poucos, foi engendrando um carneiro formidável – hoje conhecido como Santa Inês. (...) No momento, modernos empresários fundamentam a criação e expansão da raça Santa Inês, como base para todo o criatório nacional. Assim, a prática de Inseminação Artificial e Transferência de Embriões vem sendo praticada, principalmente no Nordeste, com resultados positivos. Ao mesmo tempo, práticas de um moderno marketing têm conquistado preços fabulosos para certos reprodutores, promovendo a multiplicação de rebanhos de elite por todo o país. A euforia que acompanha a raça Santa Inês tem poucos paralelos na história mundial da ovinocultura”. (pág. 184)

Logo, a ovinocultura, assim como a caprinocultura, a partir da década de 90 perde seu caráter artesanal e de subsistência, para se transformar numa atividade com características comerciais em que o emprego de tecnologias ganha espaço entre os novos criadores.

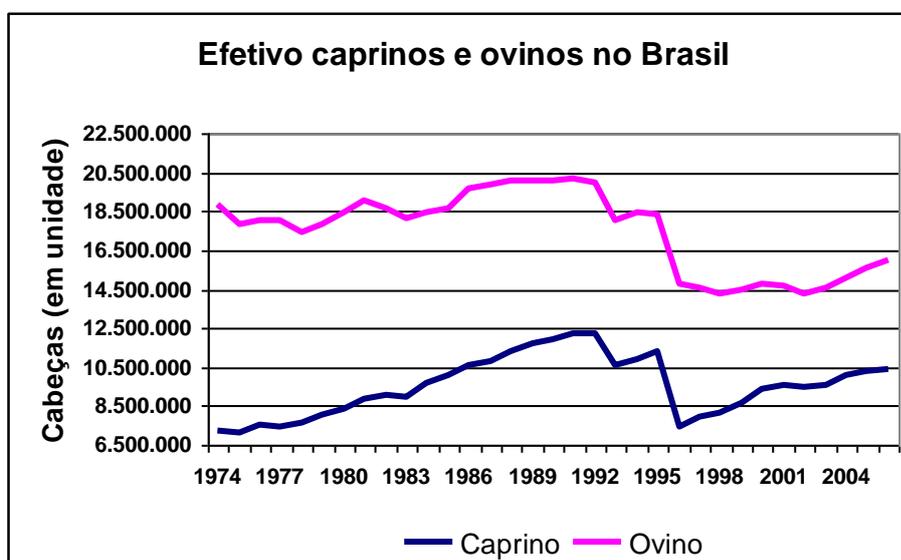
A situação da ovino-caprinocultura no Brasil e no mundo

Os efetivos brasileiro e internacional de animais

O efetivo de caprinos e ovinos no Brasil, assim como no mundo, durante o período compreendido entre o fim da primeira metade da década de 70 até o fim da década de 1980, apresentou uma fase de crescimento. Segundo a Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), a região Norte foi a que apresentou o maior crescimento nesse período com um percentual de 324,33%. Na primeira metade da década de 1990, enquanto o efetivo caprino no mundo continuava em crescimento (Gráfico 2), no Brasil iniciou-se uma fase de desaceleração (Gráfico 1). Entre 1974 e 1990 o crescimento do rebanho de caprinos no Brasil foi da ordem de 65,9%, passando de 7,1 milhões para 11,8 milhões de animais. Porém, na primeira metade da década de 1990, o número de caprinos brasileiro sofreu uma redução, chegando em 1996 a 7,4 milhões de animais. A queda ocorrida entre 1990 e 1996 foi de 37,5%, o que praticamente reduziu o efetivo de caprinos brasileiro a valores semelhantes ao total de animais do ano de 1974. A região Sul foi a que apresentou a maior redução no rebanho nesse período, totalizando um percentual de 61,18%.

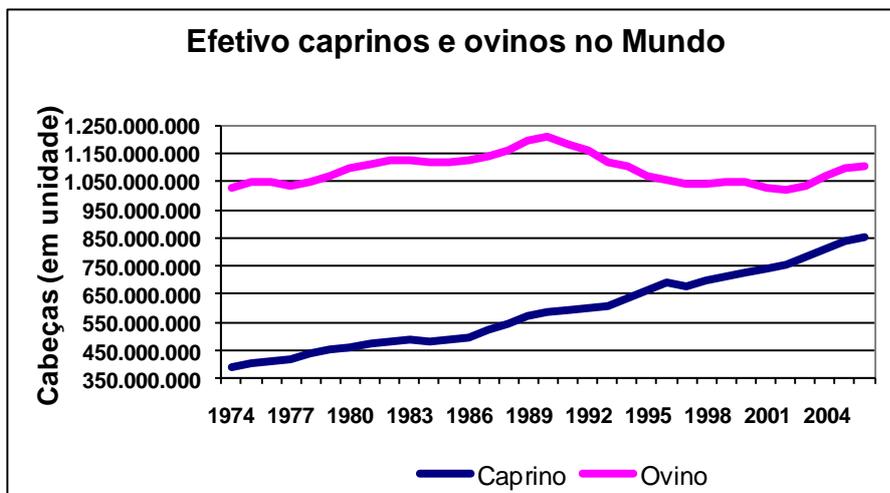
Com relação ao efetivo ovino, o comportamento do rebanho brasileiro foi semelhante ao do rebanho mundial no período 1974 a 2006 (Gráficos 1 e 2). Com uma redução de 65,18% no número de animais, a região Sul foi a que apresentou a maior queda, conforme Série Histórica do IBGE. Durante a segunda metade da década de 1970 até o primeiro ano da década de 1990, à exceção da região Sul que teve uma redução de 11,35%, houve uma expansão do efetivo nas demais regiões. No Brasil, o crescimento durante esse período foi de 6,6%, passando de 18,8 milhões de cabeças para 20,1 milhões. A região Norte, com um percentual de 111,95%, foi a que apresentou o maior crescimento. Em 1992, puxado pela forte redução do efetivo da região Sul de 56,79%, o rebanho ovino brasileiro, assim como o mundial, inicia uma redução que durou até o ano de 2002. Durante essa década, o rebanho brasileiro teve uma queda de 29,0%, chegando ao final do ano de 2002 com o menor número de animais desde 1974, 14,2 milhões.

Gráfico 1



Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal - IBGE

Gráfico 2



Fonte: FAOSTAT 2008

“A região Sul teve uma queda no seu efetivo, em função principalmente por seus rebanhos, até então, serem de raças lanadas ou de dupla aptidão, com o objetivo de se produzir principalmente lã. Com a queda no preço do produto, o reflexo imediato foi a diminuição do número de animais.

Não é o caso de se afirmar que os produtores do sul estão deixando de produzir a lã, pois essa ainda tem o seu lugar, mas estão se tornando produtores não só de lã como de carne ovina. A produção de lã no Sul concentra-se em uma determinada época do ano, com 85% da produção sendo exportada”. Sebrae 2005

O período atual para os efetivos caprinos e ovinos é de expansão tanto do rebanho brasileiro quanto do mundial. A PPM/2006 estimou que no Brasil os rebanhos de caprinos e ovinos em 2006 foram, respectivamente, de 10,4 milhões e 16,0 milhões (Tabela 2). Dados da *Food and Agriculture Organization* (FAO) indicam que os efetivos caprinos e ovinos mundiais para aquele ano eram, respectivamente, 849,9 milhões e 1,1 bilhões (Tabela 3). Com esses valores, a participação brasileira no cenário mundial em 2006 correspondeu a 1,22% dos caprinos e 1,44% dos ovinos.

Tabela 2 - Efetivo dos rebanhos caprino e ovino em 2006

Grandes regiões	Caprinos	Participação (%)	Ovinos	Participação (%)
Norte	155.114	1,49	496.755	3,10
Nordeste	9.613.847	92,43	9.379.380	58,55
Sudeste	263.283	2,53	664.422	4,15
Sul	252.209	2,42	4.491.523	28,04
Centro-oeste	116.996	1,12	987.090	6,16
Brasil	10.401.449	100,00	16.019.170	100,00

Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal 2006 - IBGE

Tabela 3 - Ranking mundial de caprinos e ovinos em 2006

País	Caprinos	Posição	País	Ovinos	Posição
China	199.025.092	1º	China	173.899.010	1º
Índia	125.181.000	2º	Austrália	100.100.000	2º
Paquistão	61.900.000	3º	Índia	63.558.000	3º
Bangladesh	48.900.000	4º	Irã	52.219.000	4º
Sudão	42.000.000	5º	Sudão	48.500.000	5º
Brasil	10.401.449	15º	Brasil	16.019.170	18º
Mundo	849.979.842	-	Mundo	1.105.423.607	-

Fonte: FAOSTAT 2008

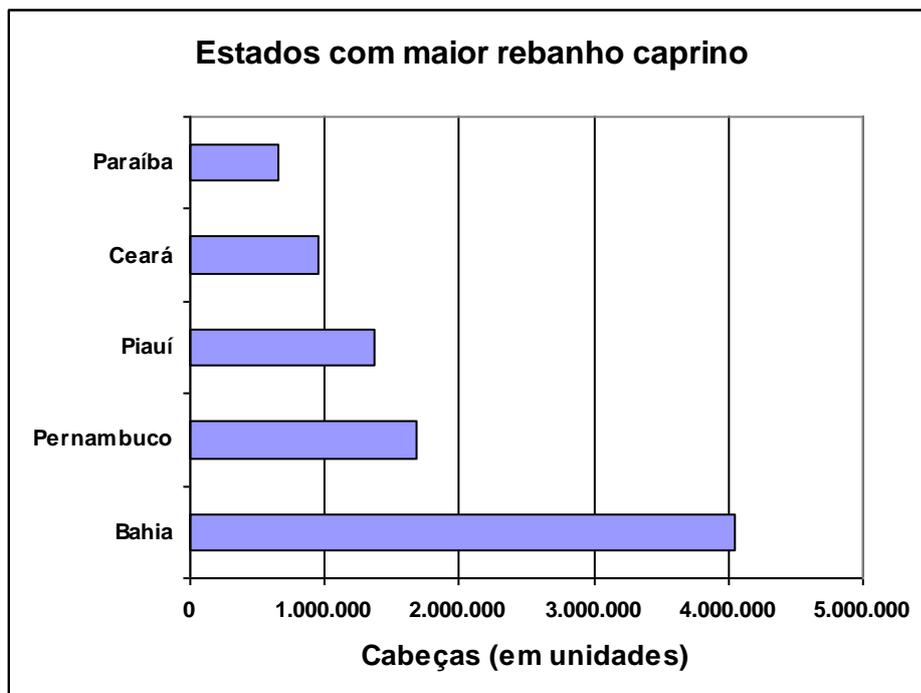
A região Nordeste brasileira, segundo a PPM/2006, possui a maior concentração dos efetivos caprinos e ovinos, respectivamente, 92,4% (9,6 milhões) e 58,5% (9,3 milhões). A Bahia detém 42,14% do efetivo de caprino e 33,75% do ovino. Bahia, Pernambuco, Piauí, Ceará e Paraíba juntos possuem 83,7% de participação no efetivo de caprinos brasileiro (Gráfico 3). Rio Grande do Sul, Bahia, Ceará, Piauí e Pernambuco, 72,5% no de ovinos (Gráfico 4). De acordo com a Tabela 4, dos 20 (vinte) municípios com os maiores efetivos caprinos, 12 (doze) são da Bahia. Remanso (BA), com 438.017 animais, corresponde a 4,2% do efetivo nacional e é o município com o maior rebanho. Com relação ao efetivo ovino, 12 (doze) municípios que abrigam os 20 (vinte) maiores rebanhos de ovino são do Rio Grande Sul. Com 411.872 animais, correspondente a 2,6% do rebanho nacional, Santana do Livramento (RS) é o município com maior número de cabeças. Remanso (BA), com 1,2% do rebanho nacional de ovinos, ou seja, 195.368 animais, aparece em terceiro lugar e é o município baiano melhor classificado no *ranking* de ovinos.

Tabela 4 - Municípios com os maiores efetivos

Município	Caprinos	Participação	Município	Ovinos	Participação
Remanso - BA	438.017	4,2%	Santana do Livramento - RS	411.872	2,6%
Casa Nova - BA	408.458	3,9%	Alegrete - RS	255.129	1,6%
Juazeiro - BA	357.000	3,4%	Remanso - BA	195.368	1,2%
Floresta - PE	230.000	2,2%	Uruguaiana - RS	184.100	1,1%
Uauá - BA	194.788	1,9%	Juazeiro - BA	178.786	1,1%
Campo Alegre de Lourdes - BA	180.630	1,7%	Quaraí - RS	173.911	1,1%
Curaçá BA	180.244	1,7%	Dom Pedrito - RS	166.870	0,1%
Monte Santo - BA	126.000	1,2%	Lavras do Sul - RS	144.732	0,9%
Pilão Arcado - BA	112.214	1,1%	São Gabriel - RS	114.024	0,9%
Sertânia - PE	100.000	0,1%	Pinheiro Machado - RS	139.113	0,9%
Petrolina - PE	80.500	0,8%	Tauá - CE	133.807	0,8%
Carnaubeira da Penha - PE	80.100	0,8%	Uauá - BA	133.759	0,8%
Parnamirim - PE	78.300	0,8%	Casa Nova - BA	132.549	0,8%
Campo Formoso - BA	67.644	0,7%	Monte Santo - BA	127.000	0,8%
Tauá - CE	67.279	0,6%	Rosário do Sul - RS	119.218	0,7%
Betânia - PE	65.000	0,6%	Bagé - RS	103.643	0,6%
Sento Sé - BA	63.780	0,6%	Herval - RS	100.438	0,6%
Ibimirim - PE	60.000	0,6%	Independência - CE	96.905	0,6%
Cansanção - BA	55.632	0,5%	Piratini - RS	94.857	0,6%
Canudos - BA	55.600	0,5%	Ipirá - BA	95.422	0,6%

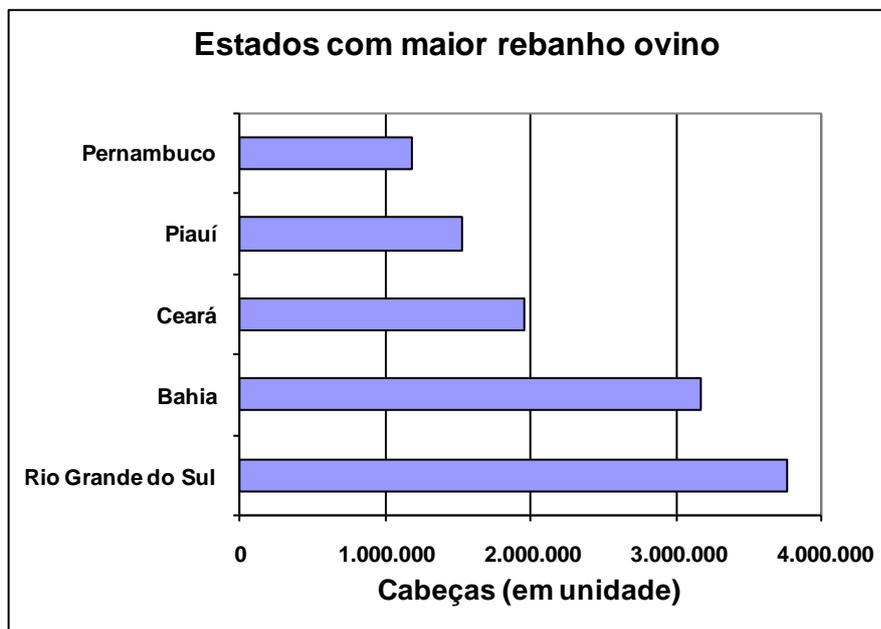
Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal 2006 - IBGE

Gráfico 3



Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal 2006 - IBGE

Gráfico 4



Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal 2006 - IBGE

O comércio brasileiro e internacional de carne ovino-caprina

Segundo a FAO (2008), a produção mundial de carnes ovina e caprina para ano de 2007 foi, respectivamente, 5,1 milhões de toneladas e 8,8 milhões de toneladas. As estimativas da FAO para o Brasil foram de uma produção de 42.000 toneladas de carne caprina e 78.000 toneladas de carne ovina naquele ano. Com esses valores, a participação do Brasil na produção de carne mundial no ano de 2007 ficou em 0,82% para carne caprina e 0,85% para a ovina. O comércio internacional de carne ovina tem se demonstrado muito mais expressivo do que o caprino. Em 2005, as exportações de carne caprina totalizaram US\$ 147,3 milhões, enquanto que as exportações de carne ovina geraram US\$ 3,9 bilhões. Os valores das importações para aquele ano foram, respectivamente, US\$ 127,3 milhões e US\$ 3,9 bilhões. Destarte, a superioridade em dólares das exportações de carne ovina foi de 2.579,5% enquanto a das importações foi de 3.027,8%.

Nova Zelândia, Austrália, Reino Unido, Irlanda e Bélgica, os cinco maiores exportadores de carne ovina, tiveram em 2007 uma participação na produção mundial de, respectivamente, 6,44%; 7,14%; 3,71%; 0,81% e 0,02%. Com 2,6 milhões de toneladas, 29,2% da produção mundial, a China tem a maior produção individual de carne ovina, entretanto, não participa do comércio exterior. Sendo sua produção destinada ao consumo interno.

As exportações daqueles países, em 2005, resultaram em US\$ 3,4 bilhões, ou seja, 86,3% das exportações mundiais. Em 2007, a produção da Nova Zelândia foi de 573.163 toneladas, o que lhe garantiu o terceiro lugar, logo após a Austrália, com 635.000 toneladas. As exportações neozelandesas totalizaram US\$ 1,6 bilhão, sendo o país com a maior participação no comércio internacional, com 42,3% das exportações mundiais. No período compreendido entre 1974 e 2005, a Série Histórica da FOA demonstra que o superávit da balança comercial de carne ovina neozelandesa teve um crescimento de 354,6% (Gráfico 6), o que corresponde a um crescimento anual de 11,08%. A Irlanda e a Bélgica, com uma produção estimada pela FAO de 72.000 e 2.350 toneladas, respectivamente, têm produção inferior à brasileira. O volume exportado pelos cinco maiores exportadores foi de 820.270 toneladas correspondendo a 9,2% da produção mundial.

As importações da França, Reino Unido, EUA, Bélgica e Alemanha, que são os cinco maiores importadores de carne ovina, em 2005, foram de 394.861 toneladas comercializadas, o que correspondeu a US\$ 2,2 bilhões de dólares e uma participação nas exportações mundiais de 48,1%. O país com a maior importação de carne ovina foi a França, que importou 134.722 toneladas, resultando num montante de US\$ 663,3 milhões. As importações do Reino Unido e dos EUA foram, respectivamente, de 109.301 e 74.272 toneladas, totalizando US\$ 526 milhões e US\$ 462 milhões.

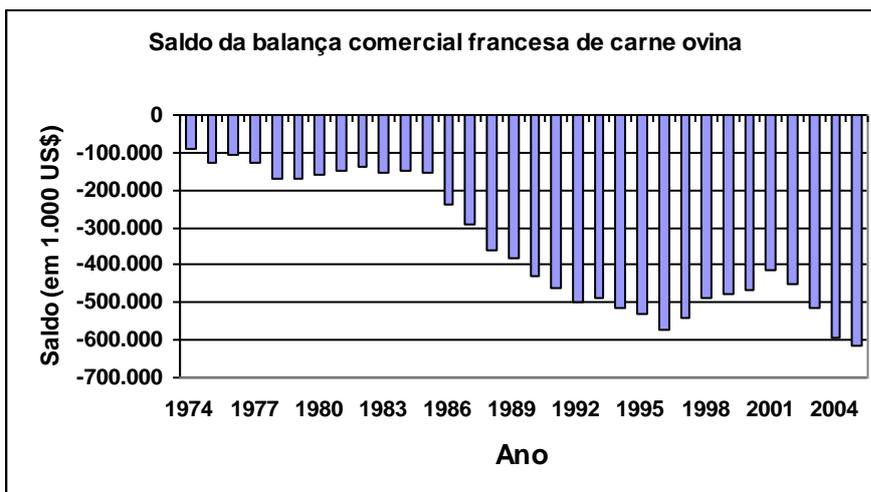
O saldo das balanças comerciais de carne ovina francesa, norte-americana e alemã no período 1974-2005 foi sempre negativo segundo Série Histórica da FAO. Em 1974, a balança comercial francesa apresentou um saldo deficitário de US\$ 89,7 milhões e em 2005 o déficit foi de US\$ 615,6 milhões, o crescimento do déficit no período 1974-2005 foi de 586,15% (Gráfico 5), correspondendo a uma elevação de 18,31% ao ano. Entretanto, os dois maiores crescimento no mesmo período são dos EUA, com 3.322,9%, e da Alemanha, 2.039,3%. Para o ano de 2005, os déficits dessas balanças comerciais foram, respectivamente, US\$ 440,1 milhões e US\$ 255,6 milhões. O crescimento do déficit da balança comercial brasileira de carne ovina no período compreendido entre 1974 e 2005 também foi expressivo. Em 1974, a

balança comercial brasileira apresentou um saldo negativo de US\$ 1,1 milhão. Já em 2005, o déficit foi de US\$ 11,0 milhões, ou seja, houve um crescimento de 820,9%.

“Apesar do rebanho expressivo a produção brasileira de carne de caprinos e ovinos é insuficiente para atender ao consumo interno. Para suprir a demanda, o país tem de importar esses produtos de países vizinhos, principalmente Uruguai e Argentina, além da Nova Zelândia. O Brasil importa ovinos vivos para abate, carcaças de ovinos resfriadas ou congeladas e carne desossada, resfriada ou congelada.

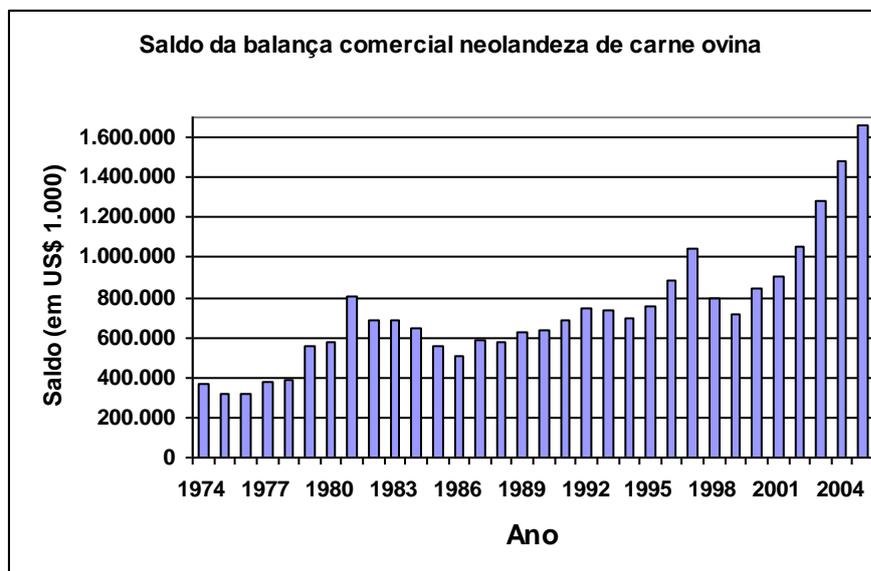
As explorações de caprinos e ovinos no Nordeste do Brasil são, na maioria, do tipo extensivo, sendo em geral, compostos por pequenos e médios produtores, os quais possuem baixo nível tecnológico. Agrava-se ainda mais o problema, naqueles casos cujos produtores sentindo a necessidade de produzir uma quantidade maior de animais, procuram aumentar o rebanho, sem se preocupar com índices produtivos, lotação adequada nas pastagens, e tampouco com a sanidade ou em adotar ou melhorar tecnologias”. Sebrae, 2005.

Gráfico 5



Fonte: FAOSTAT 2008

Gráfico 6



Fonte: FAOSTAT 2008

Segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2010), o Brasil importou 44,1 mil toneladas de carne em 2007, totalizando US\$ 182,9 milhões (Tabela 5). Com uma participação de 10,7%, 7,5 mil toneladas desse mercado, encontram-se as importações brasileiras de carne de ovinos, ou seja, US\$ 19,6 milhões. Desses, US\$ 17,4 milhões foram de carne de ovino *in natura* e US\$ 2,1 milhões de Miudezas de Carne de Ovino.

Tabela 5 - Importação brasileira de carnes em 2007

Carnes	Valor US\$	Peso (kg)
CARNE BOVINA	100.383.753	26.469.202
<i>in natura</i>	94.695.948	21.213.737
industrializada	299.172	534.000
miudezas	5.388.633	4.721.465
CARNE DE FRANGO	1.277.428	827.505
<i>in natura</i>	1.266.385	826.101
industrializada	11.043	1.404
CARNE DE OVINO	19.638.609	7.531.610
<i>in natura</i>	17.483.539	7.201.212
miudezas	2.155.070	330.398
CARNE SUÍNA	60.657.197	8.950.691
<i>in natura</i>	159.775	14.724
industrializada	212.911	23.368
miudezas	60.284.511	8.912.599
DEMAIS CARNES	957.787	344.785
miudezas	468.808	280.904
demais preparações	488.979	63.881
TOTAL	182.914.774	44.123.793

Fonte: MAPA/AGROSTAT 2008

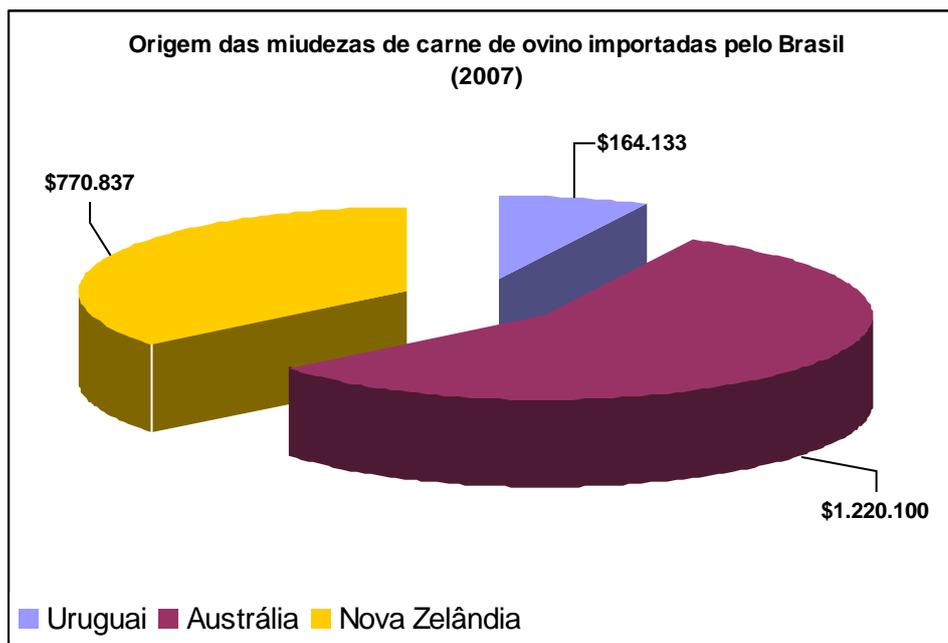
Uruguai e Austrália são os dois maiores exportadores de carne de ovino *in natura* e de Miudezas de Carne de Ovino, respectivamente, para o Brasil. Em 2007, das 7,2 mil toneladas de carne de ovino *in natura* importadas pelo Brasil, 98,1%, ou seja, 7,0 mil toneladas foram originárias do Uruguai, correspondendo a um pagamento de US\$ 17,1 milhões (Gráfico 7). Por sua vez, a Austrália, com um percentual de 56,6%, é o maior exportador de Miudezas de Carne de Ovino para o Brasil, perfazendo um montante de US\$ 1,2 milhão (Gráfico 8).

Gráfico 7



Fonte: MAPA/AGROSTAT 2008

Gráfico 8



Fonte: MAPA/AGROSTAT 2008

Das 27 (vinte e sete) Unidades da Federação, 12 (doze) participaram do comércio internacional de carne ovina e derivados em 2007 (Tabela 6). Mato Grosso do Sul foi o estado brasileiro que mais importou carne de ovino *in natura*, US\$ 9,0 milhões de importações, o que resultou em um percentual de 46,0% do total das importações. Por sua vez, com um percentual de 90,3% das importações de Miudezas de Carne de Ovino, São Paulo foi o estado que mais importou esse derivado da carne ovina, correspondendo a um valor de US\$ 1,9 milhão.

Tabela 6 - Importações brasileira por Unidade da Federação em 2007

UF	Valor US\$	Peso (kg)	UF	Valor US\$	Peso (kg)
SÃO PAULO	3.631.888	919.790	SANTA CATARINA	2.620.015	1.172.655
<i>in natura</i>	1.685.078	605.432	<i>in natura</i>	2.411.755	1.156.615
miudezas	1.946.810	314.358	miudezas	208.260	16.040
MATO GROSSO DO SUL	9.052.731	3.316.338	RIO DE JANEIRO	76.365	22.730
<i>in natura</i>	9.052.731	3.316.338	<i>in natura</i>	76.365	22.730
PARANÁ	238.378	113.132	RIO GRANDE DO NORTE	28.450	11.000
<i>in natura</i>	238.378	113.132	<i>in natura</i>	28.450	11.000
RIO GRANDE DO SUL	3.245.083	1.672.620	ALAGOAS	39.600	18.000
<i>in natura</i>	3.245.083	1.672.620	<i>in natura</i>	39.600	18.000
GOIÁS	63.344	21.000	BAHIA	74.436	35.345
<i>in natura</i>	63.344	21.000	<i>in natura</i>	74.436	35.345
PERNAMBUCO	345.925	143.500	CEARÁ	222.394	85.500
<i>in natura</i>	345.925	143.500	<i>in natura</i>	222.394	85.500

Fonte: MAPA/AGROSTAT 2008

Rio Grande do Sul e Ceará foram os únicos estados que tiveram exportação de carne ovina *in natura* em 2007. Aquele exportou 91.756 kg e esse 5.396 kg, resultando, respectivamente, em US\$ 122,8 mil e US\$ 22,0 mil, exportando um volume correspondente a 6.189 kg de carne caprina *in natura*, o que totalizou US\$ 27,7 mil. O Ceará foi o único estado brasileiro exportador desse produto.

O comércio brasileiro e internacional de leite ovino-caprino

Os dados da FAO para a ovino-caprinocultura leiteira mundial para o ano de 2007 foram de uma produção de 9,1 milhões de toneladas de leite ovino e 14,5 milhões toneladas de leite caprino, correspondendo a uma superioridade de 58,8% da produção de leite caprino. Conforme as Tabelas 7 e 8, os maiores efetivos caprinos e ovinos encontram-se nos países em desenvolvimento. Entretanto, a produção de derivados de leite da ovino-caprinocultura desses países é pequena. Esse fato se deve que quase a totalidade da produção é utilizada como forma de subsistência para os pequenos produtores. A China, com uma produção de 1,1 milhão de toneladas, é o maior produtor mundial de leite ovino. Por sua vez, com 3,8 milhões de toneladas de leite caprino produzido, a Índia é o maior produtor mundial. Em 2007, o Brasil produziu 137,0 mil toneladas de leite caprino e é o 18º classificado no *ranking* dos maiores produtores. Com essa produção, a participação brasileira na produção mundial de leite caprino para aquele ano foi de 0,94%. Para o leite ovino brasileiro, não há dados disponível na FAO.

Tabela 7 - Dados da Caprinocultura leiteira para 2007

País	Produção	Ranque	Nº Cabeças	Produtividade (litros/cabeça)
Índia	3.823.000	1º	125.456.000	0,03
Bangladesh	2.016.000	2º	52.500.000	0,04
Sudão	1.450.000	3º	42.000.000	0,03
Paquistão	699.000	4º	53.800.000	0,01
França	590.000	5º	1.254.000	0,47
Grécia	500.000	6º	5.570.885	0,09
Espanha	488.500	7º	2.847.310	0,17
Somália	393.000	8º	12.700.000	0,03
Irã	370.000	9º	25.860.000	0,01
Mali	257.600	10º	13.010.000	0,02
Brasil	137.000	18º	10.320.000	0,01
Mundo	14.532.534	-	850.215.125	0,02

Fonte: FAOSTAT 2008

Tabela 8 - Dados da Ovinocultura leiteira para 2007

País	Produção	Ranque	Nº Cabeças	Produtividade (litros/cabeça)
China	1.125.000	1º	171.961.000	0,01
Turquia	790.000	2º	25.400.000	0,03
Grécia	750.000	3º	8.803.350	0,09
Síria	610.000	4º	21.000.000	0,03
Itália	560.000	5º	8.227.000	0,07
Irã	534.000	6º	52.220.000	0,01
Uzbequistão	500.000	7º	10.450.000	0,05
Romênia	484.578	8º	7.678.000	0,06
Sudão	480.000	9º	49.000.000	0,01
Somália	468.000	10º	13.100.000	0,04
Mundo	9.146.535	-	1.112.520.418	0,01

Fonte: FAOSTAT 2008

Assim como na atividade ovino-caprinocultura de corte, na leiteira os resultados econômicos externos da ovinocultura demonstram-se mais favoráveis do que os da caprinocultura. EUA, Alemanha, Reino Unido, Suécia e Luxemburgo são os cinco maiores importadores de queijo ovino (Tabela 9). Com 67,9% do total importado por aqueles países, os EUA foram os que mais importaram queijos fabricados com leite ovino em 2005. O total importado pelos EUA foi de 33,3 mil toneladas, o que totalizou US\$ 185,2 milhões. O maior exportador de queijos derivados do leite de ovinos é a Itália. Suas exportações em 2005 totalizaram US\$ 130,4 milhões, resultando em um montante de 22,6 mil toneladas exportadas. Com essa quantidade exportada a Itália teve uma participação no mercado mundial de 52,4% do total de 43.210 toneladas exportada pelos cinco maiores exportadores (Tabela 9). A Alemanha, com um percentual de 2,9% foi o país com a menor participação no comércio internacional de queijos ovinos.

Tabela 9 - Maiores exportadores e importadores de queijo ovino

Exportadores		Importadores	
País	Quantidade em toneladas	País	Quantidade em toneladas
Itália	22.668	EUA	33.360
França	9.219	Alemanha	7.421
Grécia	8.647	Reino Unido	4.229
Luxemburgo	2.016	Suécia	2.747
Alemanha	660	Luxemburgo	1.334

Fonte: FAOSTAT 2008

Para a caprinocultura leiteira, são poucos os países que realizam comércio exterior. Dentre esses, encontram-se as importações de queijos derivados do leite caprino do Brunei Darussalam – pequeno sultanato do sudeste asiático – de 306 toneladas; dos EUA de 82 toneladas; e de Serra Leoa, de 29 toneladas, correspondendo, respectivamente, a US\$ 1,1 milhão, US\$ 263,0 mil e US\$ 49,0 mil.

“São Paulo detém o maior rebanho de cabras leiteiras do país, seguido por Minas Gerais e Rio de Janeiro. O presidente da Capripaulo – Associação Paulista de Criadores de Caprinos – informa que estudo realizado há dois anos indicava que 50% da demanda de leite de cabra e derivados eram supridas pelas importações. No entanto, ele diz que tem surgido novas queijarias no país, com expectativa de pequena redução nas compras externas. Ele acrescenta que 90% da carne caprina consumida em São Paulo é importada do Nordeste, principalmente da Bahia, que é livre de barreira sanitária e pode vender a produção para todo o Brasil”. Sebrae, 2005.

Considerações finais

Conforme demonstrado, o mercado para os produtos derivados da ovino-caprinocultura encontram-se em franca expansão, tanto nacional quanto internacionalmente. Sendo assim, pode-se inferir que essa atividade constitui uma alternativa interessante para evitar o êxodo rural e, assim, amenizar os problemas advindos desse movimento nos municípios brasileiros, mais especificamente nos da microrregião São João del-Rei. Destarte, é possível concluir que as iniciativas de fomento à ovino-caprinocultura poderão obter sucesso enquanto atividade geradora de renda e trabalho na zona rural. Algumas iniciativas corroboram essa percepção e podemos exemplificar com o projeto “Cabra Escola – Programa de prevenção e erradicação do trabalho infantil através da caprinocultura” do Laboratório Pfizer, que elevou em 38% a renda dos pequenos produtores rurais do semi-árido baiano.

“Para combater a evasão escolar, o trabalho infantil, a desnutrição das crianças e gerar renda para as famílias carentes do semi-árido baiano foi criado o Projeto Cabra Escola, uma iniciativa desenvolvida em parceria com o Movimento de Organização Comunitária (MOC). O Projeto beneficiou mais de 4.000 pessoas de 640 famílias, promovendo a melhoria das condições sociais, da nutrição das crianças e do acesso à educação. Mais de 2.000 crianças foram mantidas na escola pelo projeto, que proporcionou redução de 47% na desnutrição e aumento de 38% na renda das famílias envolvidas. O Cabra Escola foi considerado modelo de experiência pelo Unicef e pelo Banco Mundial”. (Pfizer, 2008).

Outro exemplo foi apresentado por Cruz (2005), por meio da reportagem do Jornal Valor Econômico do dia 16/05/2005 com o seguinte título “Setor de carnes da Bahia vai ter aporte de R\$ 110 milhões”:

“SALVADOR – A região nordeste da Bahia está recebendo investimentos de cerca de R\$ 110 milhões no setor de carnes e leite este ano. A empresa de origem espanhola Alma e Pedras do Brasil vai aplicar 30 milhões de euros em um complexo industrial para produção de carne, leite e beneficiamento de pele de caprinos e ovinos. A unidade será montada em Ribeira do Pombal, a 270 quilômetros de Salvador, no nordeste do Estado (...). O plano do Alma e Pedras é abater 300 cabeças de caprinos diariamente, processar 90 mil litros de leite e beneficiar 900 mil peles...” (Cruz, 2005).

Finalmente, considerando que os municípios que compõem a microrregião São João del-Rei são formados por minifúndios, acredita-se que a iniciativa de fomentar, com uma política pública, a cadeia da atividade ovino-caprinocultura será uma oportunidade para oferecer, aos pequenos produtores, uma fonte alternativa de geração de renda, fixando-os no meio rural e elevando o PIB agropecuária.

Referências

BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **AGROSTAT**. Disponível em: <www.agricultura.gov.br>. Acessado em 25/07/08

COSTA, N. G. **A Cadeia Produtiva de Carne Ovina no Brasil Rumo às Novas Formas de Organização da Produção**. Disponível em:

<[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/d086c43daf01071b03256ebe004897a0/7aec0b17d7bd05a9832572e300716065/\\$FILE/N%C3%ADvia%20Guimar%C3%A3es%20da%20Costa%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/d086c43daf01071b03256ebe004897a0/7aec0b17d7bd05a9832572e300716065/$FILE/N%C3%ADvia%20Guimar%C3%A3es%20da%20Costa%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acessado em 01/07/08

CRUZ, P. **Setor de Carne da Bahia vai ter aporte de R\$ 110 milhões**. Jornal Valor Econômico. 16 maio 2005. Disponível em:

<[http://www.valoronline.com.br/ValorImpresso/MateriaImpresso.aspx?tit=Setor+de+carnes+da+Bahia+vai+++ter+aporte++de+R\\$+110+milh%C3%B5es&codmateria=3026109&dtmateria=16+05+2005&codcategoria=306](http://www.valoronline.com.br/ValorImpresso/MateriaImpresso.aspx?tit=Setor+de+carnes+da+Bahia+vai+++ter+aporte++de+R$+110+milh%C3%B5es&codmateria=3026109&dtmateria=16+05+2005&codcategoria=306)>. Acessado em 08/06/08

FAOSTAT. **Dados estatísticos da FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS**. 2008. Disponível em:

<<http://faostat.fao.org/site/573/default.aspx#ancor>>. Acessado em 15/01/08

IBGE. **Pesquisa Pecuária Municipal**. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2008. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&o=21&i=P&c=73>>. Acessado em 20/02/08

PZIFER. **Projeto Cabra Escola**. Laboratório Pfizer do Brasil. 2008. Disponível em:

<<http://www.pfizer.com.br/interna.aspx?idConteudo=73&idConteudo2=74&idConteudo3=93>>. Acessado em 19/05/08

SANTOS, R. **A cabra & a ovelha no Brasil**. Uberaba, Editora Agropecuária Tropical Ltda, 2003.

SEBRAE. **Informações de Mercado sobre Caprinos e Ovinos: Relatório Completo**.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Disponível

em: <http://www.sebrae.com.br/setor/ovino-e-caprino/integra_documento?documento=40B65B09464CA07D032571540041EC16>.

Acessado em 19/03/07